

QUESTÕES LINGUÍSTICAS E GRAMATICAIS

VERBOS PSICOLÓGICOS: A RELAÇÃO ENTRE A PERSPECTIVA DO EVENTO, A REALIZAÇÃO MORFOLÓGICA E OS GÊNEROS TEXTUAIS⁶.

Evelyne Dogliani (UFMG)

Carolina Dias Cunha (UFMG)

INTRODUÇÃO

Os verbos psicológicos são aqueles que denotam um estado emocional e têm como argumento o papel temático de Experienciador, que aparece tanto na posição de sujeito quanto na de objeto. Esses verbos possuem um comportamento particular em relação a outros intransitivos.

Nos exemplos que seguem, é possível observar que o argumento que recebe o papel temático de Experienciador é o sujeito em (1) e o objeto em (2):

- (1) João teme o desemprego.
- (2) O desemprego assusta João.

Nos exemplos acima é possível observar que João – ora como sujeito sintático (1), ora como objeto sintático (2) – sofre o estado emocional de medo.

Devido à singularidade de seu comportamento diante de certas propriedades, os verbos psicológicos são foco de pesquisas diversas, tanto na área da semântica quanto na área da sintaxe. Destacam-se: Whitaker-Franchi (1989), Cançado (1995, 1996), Madureira (2000) e Dogliani (2006 e 2007).

A CLASSIFICAÇÃO DOS VERBOS PSICOLÓGICOS

A literatura da área divide os verbos psicológicos em dois grupos. O primeiro grupo admite o Experienciador na posição de su-

⁶ Este artigo contém aspectos da minha monografia de conclusão do curso de especialização em Língua Portuguesa apresentada e aprovada na PUC/MG em 2008, sob orientação da Profa. Dra. Evelyne Dogliani.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

jeito (doravante ExpS) e um Tema na posição de objeto. São verbos do tipo *temer* e estão exemplificados em (3). O segundo grupo, por sua vez, engloba verbos ergativo-causativos que admitem um Tema na posição de sujeito e o Experienciador na posição de objeto (doravante ExpO). São verbos do tipo *preocupar* e estão exemplificados em (4):

(3) João teme o desemprego.

(4) O desemprego preocupa João.

Entretanto, tal classificação não atende a todas as particularidades dos verbos psicológicos. O diferente comportamento de verbos de um mesmo grupo (grupo 2) levou pesquisadores a propor uma nova classificação.

Através de uma análise descritiva dos dados do português, Cançado (1995) propõe uma nova classificação para os verbos psicológicos. A autora analisa as redes temáticas e as propriedades sintáticas dos verbos psicológicos, a saber:

1. A capacidade de o verbo aceitar construções ergativas;
2. A capacidade de o verbo aceitar causativização;
3. A capacidade de o verbo aceitar inversão dos dois últimos argumentos (o que a autora chama de “inversão”);
4. Se o verbo apresenta passivização sintática ou adjetiva;
5. Se o verbo possui uma interpretação arbitrária quando temos *pro* como sujeito da oração;
6. Se o verbo permite orações causativas encabeçadas.

E cria as seguintes classes:

A classe 1 (verbo *temer*), aceita as propriedades 3, 4, 5 e 6.

A classe 2 (verbo *preocupar*), aceita somente as propriedades 1, 2 e 4.

A classe 3 (verbo *acalmar*), aceita as propriedades 1, 2, 4, 5 e 6.

A classe 4 (verbo *animar*), aceita as mesmas propriedades das classes 2 e 3, dependendo da leitura que se faz da oração (agentiva ou não).

A classificação de Cançado (1995) fez surgir novas questões sobre o comportamento dos verbos psicológicos. Mesmo após dividir

QUESTÕES LINGÜÍSTICAS E GRAMATICAIS

os verbos em classes, as exceções ainda persistem. Por exemplo, nem todos os verbos oriundos do grupo 2 – verbos do tipo *preocupar* – realizam a propriedade da ergativização conforme (5):

(5a) Pedro provocou Paulo com palavras grosseiras.

(5b) * Paulo se provocou.

Outros verbos admitem tal propriedade, mas podem acarretar uma leitura ambígua, não sendo possível distinguir ExpS de ExpO, como em 6:

(6) Paulo aborrece Pedro.

A análise de Cançado, que propõe uma hipótese semântica para melhor compreender o comportamento dos verbos psicológicos, despertou o interesse de Madureira (2000). A autora, cujo trabalho se guia pelo papel que o léxico desempenha na mudança linguística, buscou investigar um pouco mais o comportamento dos verbos psicológicos, através da análise de dados reais, uma vez que Cançado analisara dados intuitivos.

Madureira (2000: 90) parte da hipótese que uma alteração da estrutura semântica atinge uma categoria lexical (grupo de verbos que não acarretavam traço de agentividade, e que, em algumas circunstâncias atuais, parece fazê-lo), provocando variação (uma nova estrutura sintática).

A análise da autora buscou conciliar as perspectivas sincrônica e diacrônica, tendo como suporte os pressupostos básicos do modelo da difusão lexical. Sua análise “pretende contribuir para o aprofundamento da reflexão acerca da atuação do léxico na mudança linguística” (Madureira, 2002, p. 110).

O modelo da difusão lexical postula que toda mudança linguística implementa-se gradativamente pelo léxico, isto é, a mudança é lexicalmente gradual e foneticamente abrupta (Wang, 1969 e Wang & Cheng, 1977 *apud* Labov, 1994). Tal ponto de vista se opõe àquele dos neogramáticos, que acreditam que a mudança linguística é foneticamente gradual e lexicalmente abrupta.

Após comparar dados relativos às diversas fases do português (do período arcaico ao século XX), Madureira (2000) propõe uma nova análise dos verbos psicológicos, subdividindo-os em três grupos:

Grupo 1: Verbos psicológicos que só admitem o Experienciador na posição de sujeito. Esse grupo caracteriza-se sintaticamente como de

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

verbos acusativos que são semanticamente não acusativos. Exemplos de verbos do grupo 1 são: *amar, desejar, temer* etc.

Grupo 2: Verbos psicológicos que admitem o Experienciador na posição de sujeito ou de objeto e admitem a correlação ergativo-causativo. Esse grupo compõe-se de verbos acusativos não causativos (*enojar, aborrecer*) ou inacusativos (*desesperar, pasmear*) que se causativizaram, e verbos originalmente causativos (*conformar, animar*) cujas estruturas reflexivas passam a ter a possibilidade de leitura ergativa.

Grupo 3: Verbos psicológicos que só admitem o Experienciador na posição de objeto (como *humilhar, conquistar*). Este grupo é constituído de verbos originalmente causativos.

A hipótese que a autora levanta é a de que o processo sintático de ergativização/causativização nos verbos psicológicos representa uma mudança sintática em curso, que tem como foco de origem os grupos 1 e 3 de sua classificação. Cogitou, assim, que esta mudança estaria se espalhando para outros verbos por meio da difusão lexical.

Em Dogliani (2006), a autora buscou estabelecer a relação entre a frequência dos tipos textuais, a função sintática do experienciador e as construções morfológicas dos verbos psicológicos. A autora encontrou um maior número de estruturas analíticas e com experienciador na posição de sujeito nos tipos textuais interativo e narrativo; entretanto, as estruturas sintéticas evidenciaram o experienciador na posição de objeto, ou seja, favoreceram a perspectiva da causa, e foram encontradas em textos do tipo teórico monologado.

METODOLOGIA

Buscou-se, através de uma pequena amostra, ilustrar o comportamento dos verbos psicológicos das classes 2 e 3 propostas por Madureira (2000) nas posições sintáticas de sujeito (ExpS) e objeto (ExpO), e nas formas analítica (ANA), sintética (SIN) e pronominal (PRO). As ocorrências pronominais foram encontradas somente dentro de estruturas ExpS do *corpus*. Exemplos de construções contendo as formas supracitadas são:

(7) '*Fiquei muito abalado quando soube que precisaria parar*'. (ANA/ ExpS) (*Época*, 21/05/2007)

(8) '*Meu filho me trouxe calma, deixei de ser uma pessoa carente*'. (ANA/ ExpO) (*Marie Claire*, fevereiro de 2007)

QUESTÕES LINGÜÍSTICAS E GRAMATICAIS

(9) O empreendimento não vingou, mas ele *se encantou* pelo Brasil. (SIN/ ExpS) (*Isto É*, 24/09/2003)

(10) Mas, quando ela me *humilhou*, ninguém se manifestou. (SIN/ ExpO) (*Marie Claire*, junho de 1995)

(11) A psicóloga Maribel não *se abalou* com o chororô da filha. (PRO/ ExpS) (*Marie Claire*, setembro de 2005)

Os verbos da primeira classe foram excluídos da amostra por não apresentarem variação em seu comportamento sintático-semântico, ou seja, por não apresentarem a propriedade da ergativização. Foram observadas as ocorrências dos seguintes verbos: abalar, aborrecer, abrandar, acalmar, animar, atormentar, comover, conquistar, encantar, fortalecer, humilhar, influenciar, intimidar, preocupar e tranquilizar.

O objetivo da análise é, também, observar a relevância dos gêneros textuais e da realização morfológica (SIN, ANA ou PRO). Para tal, os textos selecionados para compor o *corpus* da pesquisa foram retirados de revistas de grande circulação nacional, a saber: *Isto É*, *Veja*, *Época* e *Marie Claire*. Por serem revistas que atendem a diferentes públicos, é possível observar uma grande variedade de gêneros textuais nas mesmas. O *corpus* é composto pelos seguintes gêneros: cartas de leitores, entrevistas, horóscopos, artigos, reportagens, enquetes e depoimentos.

Entretanto, é necessário lembrar que mesmo que um gênero textual se caracterize por um tipo textual predominante, é possível encontrar uma grande diversidade de tipos textuais em um mesmo gênero. Por exemplo, em um artigo ou uma reportagem de revista, espera-se encontrar o tipo textual dissertativo predominante no texto. Porém, foram frequentes as ocorrências de trechos do tipo narrativo nesse gênero, podendo-se observar uma mescla de tipos textuais dentro de um gênero. Para Bronckart (2003),

Uma língua natural só pode ser apreendida através das produções verbais efetivas, que assumem aspectos muitos diversos, principalmente por serem articuladas em situações de comunicação muito diferentes. São essas formas de realização empíricas diversas que chamamos de textos.

O uso dos verbos psicológicos em situações de interação verbal real geralmente privilegia o ponto de vista do experienciador, se-

gundo pesquisas empíricas. As interações verbais, no caso dos textos escritos em análise, podem ser exemplificadas pelos gêneros: entrevista, carta, depoimento e enquête. Do outro lado, encontram-se textos do gênero expositivo que, segundo Bronckart (*ibidem*), têm como tipo principal o discurso teórico monologado. Neste segundo grupo encontram-se artigos, reportagens e textos parecidos.

É fato que os gêneros textuais são entidades muito vagas; as diversas classificações são divergentes e muitas vezes parciais, o que nos leva a acreditar que nenhuma delas deve ser considerada um modelo de referencia estabilizado e coerente (Bronckart, *ibidem*). Na presente análise optou-se por dividir os diversos gêneros encontrados nos textos em dois grupos, baseando-se nas semelhanças linguísticas dos segmentos:

- Grupo 1: artigos, reportagens e horóscopo – textos que se caracterizam pela objetividade e, por isso, espera-se que contenham um número maior de estruturas que favorecem a perspectiva da causa. Porém, muitos dos textos analisados apresentavam a fala em primeira pessoa.

- Grupo 2: carta de leitor, depoimento, enquête e entrevista – textos que se aproximam mais da linguagem oral, reproduzindo o discurso do interlocutor. Caracterizam-se por um grande volume de relatos de experiências pessoais. Os depoimentos, as entrevistas e as enquetes, acima de tudo, revelam uma menor preocupação com a língua, principalmente por induzirem os interlocutores a revelar mais seus sentimentos.

QUESTÕES LINGÜÍSTICAS E GRAMATICAIS

ANÁLISE DOS DADOS

A Perspectiva do Evento e a Realização Morfológica

Os diferentes *corpora* e estudos anteriormente citados revelaram que os verbos psicológicos têm como foco preferencial o experienciador, ou seja, eles privilegiam estruturas em que o experienciador se encontra na posição de sujeito sintático da frase. Madureira (2000) observou, através de uma pesquisa em que se analisaram diversos *corpora* nas modalidades oral e escrita, que essa preferência “é mais acentuada na modalidade oral, mas não deixa de se fazer presente na modalidade escrita”.

Na presente análise, dos 256 dados analisados, 130 (50,7%) referem-se a ocorrências em que o experienciador encontra-se na posição de sujeito e 126 (49,2%) referem-se ao experienciador na posição de objeto – um resultado pouco mais equilibrado do que aquele encontrado por Dogliani (2006), em que 62,9% dos dados se referia ao experienciador na posição de sujeito contra 37,1% na posição de objeto. Observe-se a tabela 1:

Função Sintática do Experienciador		ExpS	ExpO
Dados	Total por Exp	130	126
	%	50,7%	49,2%
	Total	256	

Tabela 1: Experienciador por função sintática

Dogliani (*ibidem*) observou que os maiores percentuais encontravam-se na forma analítica quando o experienciador apresentava-se na posição de sujeito (70% das ocorrências na modalidade oral, 65,3% na modalidade escrita), e na forma sintética quando na função de objeto (83,3% das ocorrências na modalidade oral, 60,7% na modalidade escrita). A tabela seguinte mostra com mais precisão a relação entre a função sintática do experienciador e sua realização morfológica:

Função Sintática do Experienciador		ExpS			ExpO	
Dados	Dados por Experienciador	SIN	ANA	PRO	SIN	ANA
		2	75	53	100	26
	%	1,5%	57,7%	40,8%	79,3%	20,7%

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

	Total por Exp	130	126
	%	50,7%	49,2%
	Total	256	

Tabela 2: Experienciador por função sintática e realização morfológica

Quanto à realização morfológica, verifica-se que, quando o experienciador está na posição de sujeito, tem-se um maior percentual de ocorrências na forma analítica (57,7% das ocorrências). Quando o experienciador se apresenta como objeto sintático da oração, verifica-se uma forte tendência à forma sintética. Em outras palavras, pode-se dizer que estruturas ExpS favorecem as formas analíticas enquanto estruturas ExpO favorecem a forma sintética do verbo. Exemplos retirados do *corpus* são:

ExpS

(12) Hoje *acalmamos* e eu me sinto mais à vontade (...). (SIN) (*Marie Claire*, abril de 2004)

(13) O pai de Victoire, por sua vez, *ficou tão comovido* com a notícia da gravidez que até chorou. (ANA) (*Marie Claire*, outubro de 2000)

(14) “Os comentários foram tão favoráveis que eu *me animei*, minha auto-estima aumentou”. (PRO) (*Marie Claire*, agosto de 2001)

ExpO

(15) Minha mãe *humilhou* nós duas como fazia quando a gente era pequena. (SIN) (*Marie Claire*, fevereiro de 2003)

(16) O conteúdo das cartas *causou preocupação* entre os associados e fez com que chovessem consultas no serviço de atendimento ao consumidor do Procon. (ANA) (*Época*, 25/06/07)

Os resultados encontrados corroboram os achados de Cupertino (2003). Em sua pesquisa, a autora (*apud* Dogliani, 2006) analisou dados de um *corpus* composto de textos retirados da revista *Claudia* e chegou à conclusão que os enunciados favorecem a realização do experienciador como sujeito sintático da oração e a predominância de formas analíticas. Entretanto, Dogliani faz uma ressalva ao chamar a atenção para o fato de que muitos dos textos presentes em revistas femininas como a analisada contêm um expressivo número de depoimentos e narrativas pessoais e, desta maneira, favorecem a perspectiva do experienciador, tendenciando, assim, os resultados.

QUESTÕES LINGÜÍSTICAS E GRAMATICAIS

Se os gêneros comumente encontrados em revistas femininas, em que os textos se aproximam da linguagem oral, favorecem a perspectiva do experienciador na posição de sujeito, fez-se necessário uma pesquisa mais rigorosa utilizando-se de uma maior variedade de gêneros. Ao deparar-se com a hipótese de que outros tipos discursivos poderiam privilegiar a perspectiva da causa, Dogliani (*ibidem*) buscou dados em gêneros alternativos. Ao analisar os dados de um *corpus* composto por artigos de diversas seções da revista *Veja*, observou a surpreendente presença de 48,9% de estruturas ExpS, além de 73,3% das ocorrências na forma analítica. Segundo a autora,

(...) o aumento das construções orientadas pela perspectiva da causa não impediu que as construções ExpS emergissem em volume praticamente equivalente. Portanto, se, em outros gêneros textuais essas construções são maioria e alcançam percentuais próximos a 50% nos gêneros mais restritos como os das seções selecionadas da revista *Veja*, pode-se dizer que, de fato, esses verbos favorecem a perspectiva do experienciador. (p.8)

Na seção seguinte, é possível conferir uma análise mais precisa da relação entre os gêneros textuais e a perspectiva do evento.

A Perspectiva do Evento, a Realização Morfológica e Os Gêneros Textuais

Bronckart (2003) observa que os tipos de discurso são formas de organização linguística, em número limitado, que compõem os gêneros textuais. Desta maneira, podemos constatar que um mesmo tipo discursivo pode estar presente em diferentes gêneros textuais.

Os tipos discursivos mais frequentes que compõem os gêneros textuais analisados são o interativo e o narrativo, muito presentes nas entrevistas, enquetes, cartas de leitores e, até mesmo nos artigos. Tais tipos discursivos são, coincidentemente, aqueles presentes nas interações verbais do dia-a-dia das pessoas. Observou-se que no uso dos verbos psicológicos, as interações verbais reais favorecem o ponto de vista do experienciador.

Dos 256 dados analisados, 137 foram encontrados em artigos, 64 em depoimentos e 34 em entrevistas, sendo esses gêneros os mais numerosos do *corpus*. Em seguida, observaram-se 9 ocorrências em

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

cartas de leitores, 6 em horóscopos, 4 em reportagens e 2 em enquetes. Observem-se as seguintes tabelas:

Função Sintática do Experienciador		ExpS			
Dados por gênero textual	Realização Morfológica	SIN	ANA	PRO	Total
	Artigo	-	28 50%	28 50%	56 100%
	Carta de leitor	-	4 100%	-	4 100%
	Depoimento	2 4,6%	26 60,4%	15 35%	43 100%
	Enquete	-	-	1 100%	1 100%
	Entrevista	-	15 68%	7 32%	22 100%
	Horóscopo	-	1 50%	1 50%	2 100%
	Reportagem	-	1 50%	1 50%	2 100%
	Total	2 1,5%	75 57,7%	53 40,8%	130 100%

Tabela 3: A perspectiva do evento e os gêneros textuais - ExpS.

Função Sintática do Experienciador		ExpO		
Dados por gênero textual	Realização Morfológica	SIN	ANA	Total
	Artigo	65 80,2%	16 19,8%	81 100%
	Carta de leitor	5 100%	0 0%	5 100%
	Depoimento	16 76%	5 24%	21 100%
	Enquete	0 0%	1 100%	1 100%
	Entrevista	9 75%	3 25%	12 100%
	Horóscopo	4 100%	0 0%	4 100%
	Reportagem	1 50%	1 50%	2 100%
	Total	100 79,4%	26 20,6%	126 100%

Tabela 4: A perspectiva do evento e os gêneros textuais - ExpO.

As tabelas mostram que há uma relação mais equilibrada entre as realizações analíticas e pronominais em ExpS. Apesar de compreenderem 57,7% das ocorrências, não se pode afirmar que as realizações ANA são favorecidas por estruturas ExpS, conforme conclui Dogliani (2006). Os resultados da tabela 4, entretanto, estão de acordo com a análise da autora, pois é possível observar que quase 80% das ocorrências ExpO encontram-se na forma SIN.

Para facilitar a compreensão da análise dos dados, optou-se por dividir os gêneros textuais em dois grupos, baseando-se nas semelhanças linguísticas dos mesmos. O grupo 1 (artigos, reportagens e horóscopo) apresenta textos que não privilegiam depoimentos ou narrativas pessoais, favorecendo, assim, a perspectiva da causa. Em contrapartida, o grupo 2 (carta de leitor, depoimento, enquete e entrevista) é composto por textos que, de certa forma, reproduzem a linguagem oral por haver menor preocupação com as formas linguísticas. Observe-se a tabela 5:

QUESTÕES LINGÜÍSTICAS E GRAMATICAIS

Função Sintática do Experienciador		ExpS	ExpO
Dados por grupos de gêneros textuais	Grupo 1	60	87
	%	40,8%	59,2%
	Total	147 (57,4%)	
	Grupo 2	70	39
	%	64,2%	35,8%
	Total	109 (42,6%)	
	Total geral	256	

Tabela 5: A perspectiva do evento e os grupos de gêneros textuais.

Agrupados dessa maneira, é possível perceber que os dados do grupo 1 apontam para o favorecimento da perspectiva do objeto (59,2% das ocorrências). Mesmo assim, verifica-se um expressivo número de ocorrências que favorecem a perspectiva do experienciador na posição de sujeito – 40,8% das ocorrências. O grupo 2, por sua vez, indica a direção oposta; por se aproximar mais da linguagem oral, 64,2% das ocorrências favorecem a perspectiva do experienciador na posição de sujeito contra 35,8% das ocorrências favorecendo a perspectiva da causa.

Analisando-se os grupos por realização morfológica, observa-se que o grupo 1 contém mais dados na forma SIN quando na posição de objeto (80,5 %), enquanto as ocorrências ExpS dividem-se igualmente entre ANA e PRO. O grupo 2 também apresenta uma porcentagem maior de realizações SIN na posição de objeto (77%). A posição de sujeito, porém, divide-se em 64,2% de ocorrências ANA, 2,8% de ocorrências SIN e 33% de ocorrências PRO, como mostra a tabela 6:

Função Sintática do Experienciador		ExpS			ExpO	
		ANA	SIN	PRO	ANA	SIN
Dados por grupos de gêneros textuais	Realização morfológica					
	Grupo 1	30	-	30	17	70
	%	50%	-	50%	19,5%	80,5%
	Total por Exp	60 (100%)			87 (100%)	
	Total por grupo	147				
	Grupo 2	45	2	23	9	30
	%	64,2%	2,8%	33%	23%	77%
	Total por Exp	70 (100%)			39 (100%)	
	Total por grupo	109				
	Total geral	256				

Tabela 6: Os gêneros textuais e realização morfológica

CONCLUSÃO

Os dados encontrados nesta análise se assemelham àqueles encontrados na pesquisa de Dogliani (2006). Corroborando a hipótese de que verbos psicológicos aceitam preferencialmente o experienciador na posição de sujeito sintático da oração, a presente análise mostrou que 50,7% das ocorrências exibem esse perfil. Além do mais, a hipótese de que estruturas ExpS favorecem a realização morfológica analítica também foi reforçada por 57,7% das ocorrências ExpS. Pode-se dizer, então, que no português do Brasil, são mais comuns as sentenças do tipo “João *fica preocupado* com o desemprego” do que “João (*se*) *preocupa* com o desemprego”.

Procurou-se reunir uma quantidade mais variada de gêneros textuais, dividindo-os em dois grupos. Como resultado, encontrou-se 40,8% de construções ExpS no grupo 1 (onde não há predominância de narrativas) contra 64,2% no grupo 2 (composto por gêneros textuais que se assemelham à língua oral).

Assim, conclui-se que a relação ExpS – ANA é estabelecida quando o principal tipo discursivo é o narrativo ou interativo (presentes no grupo 2). Já o tipo teórico monologado (presente no grupo 1) está diretamente ligado às realizações ExpO – SIN.

Espera-se que os resultados apresentados nesta análise possam contribuir para outros estudos em andamento que buscam compreender o comportamento idiossincrático dos verbos psicológicos e suas relações sintáticas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRONCKART, J. P. *Atividade de linguagem, textos e discursos – Por um interacionismo sócio-discursivo*. São Paulo: EDUC, 2003.

CANÇADO, M. *Verbos psicológicos: A relevância dos papéis temáticos vistos sob a ótica de uma semântica representacional*. Tese de Doutorado. Campinas: Unicamp, 1995.

———. Análise descritiva dos verbos psicológicos do português brasileiro. In: *Revista de Estudos da Linguagem*. Belo Horizonte: UFMG, v. 5, p. 89-114, 1996.

QUESTÕES LINGÜÍSTICAS E GRAMATICAIS

DOGLIANI, E. O papel do tipo discursivo na integração entre perspectiva do evento e tipos de construções verbais. **In:** MACHADO, I. L. *et alli* (orgs.). *Análise do discurso: gêneros, comunicação e sociedade*. Belo Horizonte: FALE/ UFMG, v. 1, p. 65-74, 2006.

———. Relação sintaxe-semântica: uso e frequência das principais estruturas dos verbos psicológicos. **In:** *Revista de Estudos da Linguagem*. Belo Horizonte: UFMG, v. 15, p. 17-38, 2007.

LABOV, W. Evidence for lexical diffusion. **In:** *Principles of Linguistic Change – Internal Factors*. London: Basil Blackwell, 1994.

MADUREIRA, E. D. *Difusão lexical e mudanças sintático-semânticas: Os verbos psicológicos*. Tese de Doutorado. Belo Horizonte: FALE/ UFMG, 2000.

———. Variação nas construções pronominais dos verbos psicológicos: uma decorrência de diferentes percursos históricos. **In:** COHEN & RAMOS (orgs.). *Dialeto mineiro e outras falas – Estudos de variação e mudança linguística*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2002.

RUWET, N. A propos d’une classe de verbes “psychologiques”. **In:** ——. *Théorie Syntaxique et Syntaxe du Français*. Paris: Editions du Soleil, 1972.

WHITAKER-FRANCHI, R. C. M. *As construções ergativas: Um estudo semântico e sintático*. Dissertação de Mestrado. Campinas: IEL/Unicamp, 1989.